

Comércio variado, bares e restaurantes e muito transporte.

O ponto negativo é o constante barulho.

Politeama é um bairro quase perfeito

Um dos pontos residenciais mais **chics** do centro da cidade, na década de 50, o Politeama pode até ter perdido a sua tranquilidade, na visão de seus tradicionais moradores. No entanto dispõe hoje de comodidade, comércio farto, condução à vontade e, acima de tudo, da vantagem de estar no coração de Salvador.

Um simpático reduto de boêmios inveterados, com seus bares e lanchonetes de decoração à moda antiga, onde o movimento nas madrugadas é sempre intenso, o Politeama — que para muitos não chega a ser um bairro — localizado entre o Campo Grande e as Mercês, vizinho da avenida Sete de Setembro, sem dúvida, oferece quase tudo que um exigente morador possa procurar. Antigamente restrito às residências, especialmente procuradas por pessoas vindas do interior do Estado, o Politeama hoje se destaca em especial pelo comércio: existe pelo menos um exemplar de cada ramo e, inclusive, boas opções de lazer.

“É um bairro gostoso de morar”, diz um ex-morador que jamais deixou de frequentá-lo diariamente. Preferindo se identificar apenas como Prado, logo enumerou as qualidades do Politeama. “Tem de tudo, supermercado, cinema, farmácia, açougue, bares e lanchonetes à vontade, além de hotéis”, contou, lembrando a “quase feirinha”, oferecida a qualquer hora pelos camelôs e vendedores ambulantes da área, que,

mesmo redistribuídos pela prefeitura, ainda proporcionam um ponto de compra, principalmente de verduras frescas.

TRANSFORMAÇÃO

As transformações do minibairro são também apontadas pelo antigo frequentador que afirmou não dispensar sua cerveja gelada e uma boa paquera no balcão da lanchonete e restaurante Bahia, um dos estabelecimentos mais tradicionais do Politeama. “Antes era mais residencial e muita coisa mudou por aqui”, comentou, acrescentando que um dos hotéis mais antigos do local não resistiu à pressão da crise financeira, transformando-se em casa de cômodo, onde residem geralmente pessoas sem família na cidade. “Onde hoje é o Idéia (colégio e curso pré-vestibular, na avenida Sete) antes morava uma família tradicional de Salvador”, lembra sem muitos detalhes, ressaltando seu amor pelo bairro, ainda hoje “um bom lugar para paquerar”.

Livrarias, agências de viagem, colégios, oficinas e muitas firmas de assistência técnica também são encontradas no Politeama, que guarda, sem dúvida, um traço arcosmopolita, embora poucos sejam os que atentam para estas qualidades, um tanto raras em toda cidade. Dos estabelecimentos tradicionais como a casa O Colon, especializada em produtos importados, laticínios e bebidas que ainda mantém o charme da decoração requintada do início do século,

às novas casas comerciais instaladas em sobrados e prédios, tudo por ali reflete transformação e progresso.

Instalado no Politeama desde 1954, o proprietário da Caixas Ferrol recorda que foi por volta de 1968 que o comércio chegou definitivamente ao bairro, afastando um número considerável de moradores. No entanto, lembrando ter sofrido bastante com as desapropriações — inclusive de seu casarão, “a única propriedade que eu tinha na época” — para a construção da nova avenida, que liga o Vale dos Barris, ele garante gostar também do bairro como está hoje. Vizinho ao Instituto Feminino da Bahia, hoje incorporado pelo Idéia, ele lembra a construção dos primeiros prédios altos do Politeama, como o Quintas e o Mercês, logo seguidos pelo Santana e o Aladim, ainda hoje residenciais e abrigando milhares de pessoas.

Abandonado ou não por moradores tradicionais, o certo é que o Politeama agrada e muito seus moradores atuais e/ou comerciantes que atuam no local. Segundo eles, o maior atrativo continua sendo a sua boa localização e as facilidades que oferece, já que qualquer serviço ou comércio está sempre perto. Isto sem contar o charme boêmio que caracteriza o bairro, onde a maioria dos bares e lanchonetes não despreza nem mesmo o mais resistente freguês. “Aqui, geralmente, eles ficam abertos enquanto tiver movimento”, garantiu Prado, com orgulho.